

OS PRIMÓRDIOS DO RELACIONAMENTO DE PORTUGAL COM O JAPÃO

Sonia Regina Longhi Ninomiya

Na virada do séc. XV para o séc. XVI, com a descoberta do Cabo da Boa Esperança por Vasco da Gama, o caminho para o Oriente abre-se, inevitavelmente, ao Ocidente. É a época do surgimento dos impérios marítimos europeus, cujo quasi-monopólio era detido pelos portugueses e espanhóis, unidos que estavam sob a mesma coroa no período de 1580 a 1640. A derrota da armada espanhola e a morte de Felipe II quebra esta união e há o desencadeamento de um movimento expansionista para o leste. Portugal, após seu estabelecimento em Goa e na Costa de Malabar em 1510, busca uma posição mais permanente em Macau em 1557. A Espanha toma a si um conjunto de ilhas, hoje conhecidas como As Filipinas, em 1564. Os holandeses estabeleceram-se na Batávia, atual Djakarta e os ingleses na Costa de Coromandel.

O Japão desta época vivia seu momento histórico conhecido por *Sengoku Jidai* ou período dos estados em guerra (1467-1568), período esse marcado por intensas e sucessivas batalhas travadas por poderosos senhores feudais, que haviam ganho um controle relativamente independente do poder central sobre suas terras e que se debatiam pela hegemonia regional. Não foi senão por volta de 1560 que um desses senhores, *Oda Nobunaga*, logra impor sua supremacia sobre os demais e emerge como o potencial unificador da nação.

Contudo, esta instabilidade política não impediu um marcável crescimento econômico propulsionado pelas benfeitorias e fortificação dos feudos, aumento substancial da produção de arroz, exploração de minas com elevada extração de ouro, prata, cobre e ferro.

O cultivo do algodão teve, também, seu início nessa época. Paralelamente, a indústria local e o comércio também se expandiram. A navegação de cabotagem floresceu e os senhores feudais tornaram-se aptos a comerciar com províncias distantes da sua. Algumas cidades prosperaram como entrepostos comerciais e modelos político-administrativos, como *Sakai*, atual *Osaka*, *Hiôgo*,

atual *Kobe* e *Hakata*, na ilha de *Kiûshû*, chegando mesmo a causar perplexidade nos missionários católicos que estiveram em *Sakai*, dada a similitude observada entre esta e as cidades livres da Europa medieval.

Paradoxalmente, também a cultura, até então prerrogativa absoluta da nobreza e do clero budista, difundiu-se por todo o território. Os senhores feudais e os ricos mercadores de *Sakai* e *Kyoto*, eles próprios praticantes de uma ou outra manifestação artística, se tornaram os patrocinadores dessa difusão cultural, cujo principal papel coube aos monges budistas a transmitirem a filosofia confucionista, a poesia, a poesia clássica chinesa, bem como a pintura a nanquim. O teatro *Nô*, a cerimônia do chá, a forma poética do *Renga* (versos em cadeia) e do *Haiku*, bem como a literatura clássica japonesa, passaram a ser cultivados ou apreciados também fora dos salões da corte.

Remontando ao curso da história, as primeiras notícias sobre o Japão teriam sido ventiladas no Ocidente no séc. VIII por Marco Polo, embora não se tenha certeza de que era, com efeito, o Japão o que ele, nas suas famosas memórias, chama de *Cipangu*.

Em 1401, o Japão havia reatado relações oficiais com a China, interrompidas desde 894. Contudo, mesmo durante esse período, os grandes senhores feudais de *Kyûshû*, ao sul do Japão, interessados na cultura continental, e os comerciantes, ávidos da comercialização de novos produtos, incursionavam pelos portos de ambos os países. O primeiro contato entre portugueses e japoneses se deu através desses comerciantes. Por um lado, os portugueses que mantinham seu raio de ação pelos mares da Índia e China e de outro os japoneses que da China haviam chegado ao sudeste asiático. Todavia, o primeiro contato entre portugueses e japoneses se dá ao acaso, quando um barco que deixara a China, tendo a bordo três portugueses que buscavam chegar a Malaca, sofre um ataque pirata, e, na fuga, desviando sua rota, é colhido por violenta tempestade, indo aportar após dias de deriva na ilha de *Tanegashima*, ao sul de *Kyûshû*. O ano era o de 1543 e um dos três portugueses a bordo era Fernão Mendes Pinto. No relato de seus vinte e um anos de erros pelo Oriente, a *Peregrinação*, Mendes Pinto nos dá conta das quatro viagens que fez ao Japão e, embora possa padecer de um rigor histórico, sua obra brilha nas descrições e no que a aventura tem de pitoresco. Nos Capítulos 134 e 136 da *Peregrinação*, nos relata Mendes Pinto sobre como deram a conhecer aos japoneses a arma de fogo — uma espingarda — e quanto caso e furor causou aquele “modo de tiro de fogo” tanto em *Tanegashima* quanto em *Bungo* (atual província de *Oita*, na ilha de *Kyûshû*).

Pouco depois, no ano de 1549, o contato se intensifica com a chegada dos missionários católicos portugueses.

Após o movimento da Reforma e como cristalização do movimento de Contra-Reforma, é fundada no seio da Igreja Romana a Companhia de Jesus, por Ignácio de Loyola, em 1540. Os jesuítas criam em Goa um centro para a propagação do catolicismo no Oriente e Francisco Xavier, que se achava na Índia desde 1541, quando de sua passagem por Malaca, tendo sabido sobre o Japão, através dos relatos de navegantes que por lá haviam estado, para lá se

dirigiu a fim de continuar seu trabalho de evangelização. Foi guiado por um japonês foragido da polícia, *Ansei Yajirô*, que, buscando proteção num barco de comerciantes japoneses, parte com este para Malaca e que, converso, recebe o nome de Paulo de Santa Fé. Recebe mesmo ajuda de Fernão Mendes Pinto, que por alguns anos foi missionário jesuíta.

Com Francisco Xavier tem início o processo de cristianização do Japão e também o da introdução da cultura européia. Esta cultura, introduzida entre meados do século XVI e XVII ficou conhecida no Japão como cultura *Namban*, ou seja, cultura “dos bárbaros do sul”, termo esse de estreita relação com o conceito chinês de que todos os não chineses eram bárbaros.

No período *Muromachi* (1338-1573), *Nambanjin* (homem bárbaro do sul) era um termo utilizado para designar os povos do sudeste asiático e posteriormente passou a ser usado, extensivamente, para designar portugueses, espanhóis e italianos, para distinguí-los dos holandeses e ingleses que por lá chegaram quase meio século depois.

A cultura *Namban* é também conhecida como *Kirishitan Bunka* ou Cultura Cristã e repercutiu no Japão, notadamente nas áreas da astronomia, das ciências náuticas, da geografia, da medicina. A teoria geocêntrica de Ptolomeu foi introduzida pelos missionários cristãos — a de Copérnico só seria introduzida em fins do século XVIII. A par das técnicas de navegação aprendidas com os portugueses, tem-se notícia de que, em 1578, *Oda Nobunaga*, primeiro senhor feudal a tentar, a nível nacional, o estabelecimento de um sistema político-administrativo centralizado no Japão por volta de 1560, ordena a construção de um “couraçado de ferro” para uso em batalha, sob a direção de técnicos portugueses. Por essa época, o conhecimento geográfico dos japoneses era limitado, consistindo apenas da China, da Índia e de algumas partes do Sudeste Asiático. O jesuíta Alessandro Valignano levou ao Japão um mapa-mundi em 1580, e uma embaixada enviada pelos senhores feudais de *Kyûshû* ao Papa, em 1582, retornou ao Japão levando, entre outros objetos, um exemplar do atlas mundial de Abraão Ortelius.

O mercador lisboeta Luís de Almeida, licenciado para exercer a medicina, introduziu as técnicas européias no Japão em 1556 e chegou a fundar um hospital no estilo ocidental, onde ensinava suas técnicas aos seus assistentes japoneses. Cristóvão Ferreira também por lá praticou a medicina e deixou o livro *Namban Geka Hidensho* (Procedimentos Secretos da Cirurgia Namban).

Também no campo das artes, notadamente pela ação dos jesuítas, a influência portuguesa se fez sentir no Japão. A arte *Namban* refere-se a obras originadas no Japão, de cunho europeu, durante o período de cristianização; contudo, o termo é também empregado para se designar obras artísticas européias que foram introduzidas naquele período.

A pintura *Namban* exhibe trabalhos com temas religiosos introduzidos ou executados sob a direção dos jesuítas, bem como obras de artistas japoneses que, a empregar a técnica tradicional, pintavam paisagens ou costumes europeus. Os famosos biombos *Namban*, cujas melhores peças foram executadas na segunda metade do período *Momoyama* (1568-1600) por artistas da escola

Kanô, tinham como tema predileto a chegada dos portugueses ao Japão em suas embarcações conhecidas como *Kurofune* ou *Namban Bune* (navios negros ou navios *Namban*) ou suas diligências pelas cidades.

Peças de cerâmica e laca, já com longa tradição na China e Japão, receberam como decoração motivos *Namban*, não apenas para uso religioso, mas também devido ao interesse que suscitavam no Japão da época como peças de decoração.

A influência portuguesa se fez sentir também na arquitetura urbanística e de fortificações. A cidade de *Nagasaki*, tornada o centro cristão japonês, que quando da chegada dos portugueses não era mais do que uma vila de pescadores, por orientação daqueles foi ampliada segundo o sistema das cidades européias, o que a faz diferir muito das demais cidades japonesas, edificadas segundo planos urbanísticos chineses. As fortificações, necessárias ao embate com o uso de armas de fogo — por volta de 1580 o canhão já havia sido introduzido no Japão — foram reconstruídas sob a orientação portuguesa, bem como divulgada a estratégia militar para o alinhamento e posicionamento de um pelotão de fuzileiros.

Ao presentear os senhores feudais, quando de sua chegada, os portugueses deram a conhecer ao Japão inúmeros objetos de estreita ligação com o *modus vivendi* europeu, como o relógio, o vidro, os óculos, o fumo e alguns alimentos peculiares.

O fumo foi introduzido no Japão no final do século XVI por tripulantes de uma embarcação portuguesa e passou a ser largamente cultivado em *Nagasaki*, *Satsuma* e *Hirado*, e a palavra com a qual se lhe referiam — *Tabako* — até o presente é usada para designar o cigarro. Mencionamos anteriormente que, com a chegada de Francisco Xavier no Japão, tem início o processo de cristianização deste. Este processo, que perdurou por quase um século, é tratado por parte de alguns historiadores ocidentais como o “século cristão”. Contudo, na historiografia japonesa, este período de intensa atividade econômica, artística e cultural, embora pautado por sangrentas batalhas pela supremacia política, recebe o nome de período *Azuchi-Momoyama*.

A curiosidade que logo instigaram no seio japonês fez com que os jesuítas fossem bem acolhidos inicialmente; contudo, em breve tornaram-se alvo de hostilidades, principalmente por parte do clero budista. Este fato contribuiu para que os portugueses se empenhassem em aprender a língua e os costumes nativos para então fazer frutificar seus propósitos missionários.

Os jesuítas se dedicaram ao aprendizado da língua japonesa, bem como ao ensino das línguas latina e portuguesa, necessárias para os ofícios religiosos. Vários colégios, seminários e igrejas foram erigidos, principalmente no Japão meridional, e muitos jovens japoneses ali receberam uma formação religiosa.

O trabalho missionário no Japão foi, sem dúvida, ajudado pelo período de instabilidade social causado pelas constantes guerras civis e pelo estado de enfraquecimento geral e desprestígio do Budismo na época. Muitos missionários eram homens cultos e zelosos de sua tarefa, recebendo sempre admiração pelo trabalho de cunho caritativo que realizavam.

Em trinta anos de sua introdução, o Cristianismo tornou-se um movimento relevante, e começou a atrair a atenção dos líderes, que se debatiam pela

hegemonia nacional. Cartas deixadas pelos jesuítas, especialmente as de Luís Fróis, descrevem pormenorizadamente visitas a castelos e conversas mantidas com algumas personalidades de destaque da época. Uma delas foi *Oda Nobunaga*, que favoreceu ao extremo os missionários, motivado não por simpatia à doutrina cristã, mas por seu insaciável desejo do saber e por pensar em colocá-los em rota de choque com as várias seitas budistas que lhe estavam a opor resistência quanto à política de centralização do poder.

Em 1579, o jesuíta Alessandro Valignano chega ao Japão para a primeira de suas três viagens de inspeção ao trabalho missionário ali realizado. Culto, possuidor de um raciocínio acurado e metucioso, o visitador-geral Valignano, aristocrata de origem, empenhou-se em corrigir as distorções praticadas pelo vice-provincial da missão Francisco Cabral. Insistiu na adaptação missionária ao *modus* tradicional japonês e no recrutamento e na formação de um clero local. Fundou, para tanto, duas escolas e um seminário, e, em 1580, designou Gaspar Coelho como superior da missão em substituição ao inflexível Cabral, que se opunha à formação de um clero nativo. No início de 1582, Valignano deixa o Japão acompanhado por quatro noviços japoneses em missão de visita a Roma, em nome dos senhores feudais cristãos de *Kyûshû*. Provavelmente, foram esses rapazes que, de regresso ao Japão, trouxeram a máquina impressora, instrumento tão sonhado por Valignano para dar continuidade e impulsão à cristianização do país. Alguns historiadores assinalam que, provavelmente, matrizes de metal para o silabário *Kana* e alguns ideogramas chineses teriam sido levadas ao Japão juntamente com a máquina impressora em 1590. Até então, a circulação de material escrito era rara e penosa, restringindo-se a alguns tratados religiosos deixados por Francisco Xavier e um dicionário e uma gramática atribuídos ao Pe. Duarte da Silva, de 1564.

Instalada em *Nagasaki*, a máquina prestou-se para a edição de um vasto material bibliográfico conhecido como *Kirishitan Mono* ou *Kirishitan Ban*, ou seja, textos cristãos. Embora de divulgação limitada — restringiam-se à região de maior penetração do cristianismo — essas edições sobrepujavam em muito a cópia manuscrita. No período de 1591 a 1611, surgiram várias obras de cunho religioso, linguístico e literário, tendo esta máquina impressora operado inicialmente em *Kazusa* (atual Província de *Nagasaki*) e *Amakusa* (atual Província de *Kumamoto*), tendo sido posteriormente transferida para a cidade de *Nagasaki*, onde recomeçou a operar em 1598, e as edições receberam o nome do local onde foram impressas.

O maior número de trabalhos impressos foi o de textos religiosos, tais como manuais litúrgicos, livros de orações, catecismos e manuais para a meditação espiritual. Dentre eles podemos destacar o *Sanctus no Gosagueo* e a *Doctrina Christiana*, respectivamente de 1591 (*Kazusa*) e 1592 (*Amakusa*), escritos em japonês romanizado. E, ainda, os manuais de batismo *Bauchizumo no Sazuke Yô* (1593, *Amakusa*) e confissão *Salvator Mundi* (1598, *Nagasaki*), em japonês.

Quanto aos trabalhos de cunho linguístico, incluíam dicionários e gramática da língua japonesa para serem utilizados pelos missionários europeus, bem como livros texto de latim para os estudantes japoneses dos seminários jesuítas.

São dignos de nota a *Institutione Grammatica*, de Manuel Álvares (1594, *Amakusa*), em latim, e a *Arte da Lingoa de Iapan*, de João Rodrigues (1604-1608, *Nagasaki*), bem como o *Dictionarium Latino Lusitanicum, Ac Iaponicum* (1595, *Amakusa*) calcado no dicionário de Ambrosio Calepino; o *Racuyôxû* (1598, *Nagasaki*), dicionário de ideogramas, e o *Vocabulario da Lingoa de Iapan* (1603-04, *Nagasaki*).

Obras literárias também mereceram a atenção dos missionários, que fizeram imprimir uma tradução para o japonês das fábulas de Esopo, *Esopo no Fabulasu*, e uma versão romanizada e em linguagem coloquial das *Narrativas de Heike*, obra do século XII, com o título de *Feike no Monogatari* (1592, *Amakusa*).

Estas obras revelam-se hoje preciosas fontes para o estudo filológico e linguístico da língua japonesa clássica, pois pela primeira vez se fazia a transliteração da língua japonesa para a escrita latina. Mesmo o *Vocabulario da Lingoa de Iapan*, anteriormente citado, o primeiro dicionário japonês-português é considerado uma obra prima do gênero. Contém trinta mil verbetes, incluindo termos técnicos de budismo, de literatura, artes em geral, anotações sobre as várias formas de linguagem, e é exemplificado com provérbios e textos literários. Teve como um dos responsáveis pela elaboração o Pe. João Rodrigues. É dele também a *Historia da Igreja do Japão*, que, ao lado da *Historia do Japão*, de Luís Fróis, e do *Sumário de las Cosas de Japón* (1583), de Valignano, constitui preciosa fonte para os estudos sócio-culturais do Japão da época.

O cristianismo cresceu no Japão e alcançou ampla penetração nas suas camadas sociais mais variadas, sempre alicerçado pelo intercâmbio comercial entre os dois países. Contudo, este *status quo* vem a gerar hostilidades por parte do clero budista e de um novo parceiro comercial emergente, a Holanda, que começava a disputar o monopólio comercial com o Japão. Devemos somar a isso a percepção de que os princípios cristãos se tornariam uma ameaça aos valores éticos consagrados pelo regime feudalista, principalmente após a instituição do xogunato *Tokugawa*.

Mesmo após a violenta morte de *Oda Nobunaga*, seu sucessor *Toyotomi Hideyoshi* continuou com sua política favorável aos missionários cristãos, até que em campanha militar pelo sul do Japão pôde ver e sentir a extensão da influência cristã em *Kyûshû*. Abrupta e contrariamente à sua postura de até então, faz publicar um édito, em julho de 1587, banindo todos os missionários do país. Contudo, este decreto nunca foi obedecido ou executado, chegando o próprio *Hikeyoshi* a receber em 1591 o visitador-geral Valignano, quando de sua segunda visita de inspeção às missões no Japão.

Por volta de 1602, com a chegada de novos missionários de outras ordens religiosas, como os franciscanos espanhóis e dominicanos, embora o trabalho de evangelização ganhasse em agilidade e penetração, foi inevitável que surgissem desavenças quanto aos métodos de evangelização, criando um clima de rivalidade e mesmo animosidade dentre as ordens religiosas evangelizadoras.

Após a morte de *Hideyoshi*, em setembro de 1598, *Tokugawa Yeyasu* vence seus correligionários em 1600 na batalha de *Sekigahara*, tornando-se o novo senhor de fato do Japão. Sua linhagem iria dominar o país, com uma política isolacionista, até a Restauração *Meiji*, em 1868. Embora nada propenso a

aceitar a atividade missionária no Japão, tolerou-a para tirar proveito do lucrativo comércio com Portugal.

Com o estabelecimento do comércio com os holandeses em 1609 e com os ingleses em 1613, houve a quebra do monopólio comercial com Portugal e *Tokugawa* pôde desferir seu golpe mortal na evangelização do Japão. Sabedor da simpatia e do suporte que *Hideyori*, filho do falecido *Hideyoshi*, mantinha no Japão meridional, onde a influência cristã era forte, em fevereiro de 1604 o governo *Tokugawa* prescreveu o cristianismo e ordenou a expulsão de todos os missionários, que tiveram que se exilar em Macau. Apenas cerca de quarenta, dentre os quais alguns padres japoneses — a primeira ordenação ocorreu em 1601 — conseguiram permanecer no Japão, dando continuidade ao trabalho missionário às ocultas.

Em 1623 a campanha anti-cristã reacendeu-se e muitos cripto-cristãos foram levados ao martírio ou torturados e confinados no *Kirishitan Yashiki*, prisão para os cristãos confessos, instalada em *Edo* (atual Tóquio).

Entre 1637 e 38, ocorre a revolta de *Shimabara*, vila próxima a *Nagasaki*, e embora tenha sido muito mais uma revolta de cunho social — pôr um fim à miséria, à fome e à cobrança de aviltantes impostos — foi interpretada pelo governo *Tokugawa* como de caráter religioso, pois a região sofrera forte influência da evangelização, desde seus primórdios. Por fim, em 1639, o Japão banuiu também de seu território todo e qualquer comércio com Portugal, conservando apenas uma porta de contato com o Ocidente: *Dejima*, uma pequena ilha artificial de 1.3 hectares, construída ao largo do porto de *Nagasaki*, instalando ali seu único parceiro comercial pelos próximos duzentos anos: a Holanda.

Os japoneses são conhecidos pela sua tolerância religiosa, e podemos dizer que a campanha anti-cristã foi ocasionada muito mais por motivos políticos e sociais do que religiosos. Os missionários não raro eram tidos como uma “quinta coluna” em potencial, abrindo caminho para o colonialismo ibérico. Principalmente o governo *Tokugawa* mantinha-se em permanente alerta sobre uma possível coalizão dos cristãos e missionários com alguns de seus desafetos políticos da região meridional do país que pudesse pôr em risco a hegemonia de seu governo.

Contudo, não podemos deixar de mencionar a visão exclusivista dos missionários cristãos, pouco afeitos a aceitar a coexistência das doutrinas budista e xintoísta. No mais, a primazia da consciência individual como norma das ações e do comportamento moral do ser cristão não poderiam deixar de ser vistas como uma filosofia subversiva numa sociedade hierarquicamente estratificada, que impunha obediência absoluta aos superiores.

O influxo da ação portuguesa no Japão é interrompido *incontinenti* para ser reassumido apenas após a Restauração *Meiji* (1868), quando o governo de fato e de direito retorna às mãos do imperador. Entretanto, a despeito da política isolacionista assumida pelo xogunato *Tokugawa*, a influência portuguesa foi duradoura, pois a contribuição científica legada pelos missionários e comerciantes da época põe fim a um período de conhecimentos toscos, possibilitando aos japoneses um contato profícuo com a ciência, a arte e a filosofia cristã européias dos séculos XVI e XVII.

Bibliografia

- BOXER, Charles R. *The Christian Century in Japan, 1549-1650*, Berkeley, University of California Press, 1974.
- TUGE, Hideomi Ed., *Historical Development of Science and Technology in Japan*, Tokyo, Kokusai Bunka Shinkokai, 1961.
- COOPER, Michael Ed., *The Southern Barbarians — The First Europeans in Japan*, Tokyo, Kodansha International, 1971.
- MARTINS JANEIRA, Armando, *O Impacto Português sobre a Civilização Japonesa*, Lisboa, Dom Quixote, 1970.
- MENDES PINTO, Fernão, *Peregrinação*, Lisboa, Imprensa Nacional — Casa da Moeda, 1988.
- FRÓIS, Luís, *Historia de Iapan — Furoisu Nihonshi*, 8 vols., trad. Matsuda e Kawasaki, Tokyo, Chuokoronsha, 1977.